

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

Ano IX, Nº 255 - Volume XXVIII - Porto Velho - junho/2010

ISSN 1517-5421

EDITORES

**NILSON SANTOS E
ESTEVÃO RAFAEL FERNANDES**

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA HOLANDA - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

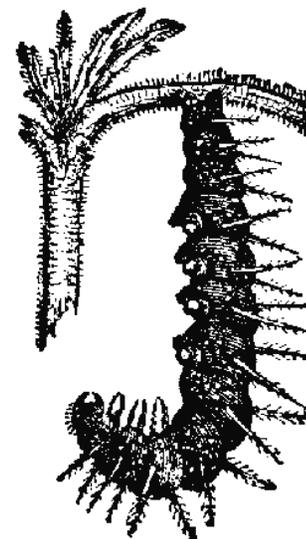
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

255



máquina tribal: conceitos nômades

Alberto Lins Caldas



máquina tribal: conceitos nômades

Alberto Lins Caldas

Universidade Federal de Alagoas-UFAL

Departamento de História

www.albertolinscaldas.unir.br

albertolinscaldas@yahoo.com.br

Resumo: Desenvolvimento dos conceitos básicos da noção de “máquina tribal”. Aqui, sempre em fragmentos, se discute os conceitos de “devires”, “palavras”, “coisas”, “poderes”, “niilismo” numa rede e em perspectivas nietzschianas.

Palavras-chave: Máquina Tribal, Devires, Poderes, Niilismo.

Abstract: Development of basic concepts of the notion of “tribal machine”. Here, always in fragments, debates itself the concepts of “becomings”, “words”, “things”, “powers”, “nihilism” in one net and in nietzchians perspectives.

Key-Words: Tribal Machine, Becomings, Powers, Nihilism.

devires

“... vivemos numa perpétua transformação ...”

Ética, V, prop. XXXIX, escol.

Espinosa

i

*. mundo, natureza, exterioridade, antes, depois: “instâncias transcendentais”, ficções de má-fé, má-vontade, se tomados como independentes da máquina tribal, das crenças, práticas, rituais, saberes tribais do entrenós: não dizem o existente, mas escondem exata e precisamente o existente: o “mundo do ser”, ou o “ser do mundo”, ou o “ser do ente” só têm sentido como dimensões da máquina tribal em atualização [nada é mais fino, mais escasso, mais insignificante, mas denso, mais profundo, mais múltiplo q a máquina tribal: ela se exerce no imediato: seu atuar cria descrendo o real: mas a fissura entre o dizer o existente e viver o existente é imensa e lingüística, isto é, se faz no imaginário]: não uma “tribo no mundo”, mas a máquina tribal cria horizontes de vivência, eixos articulados, bordas, pertencimentos, antagonismos, identidades e diferenças, seu “único” mundo [donde advém suportes pra “história”, identidade, comparatividade, familiaridade, parentesco, materialidade,

igualdade, verdade, sentido, razão]: é esse “mundo”, visto, pensado como único q é imposto aos “extraterrestres” [os “outros” da máquina tribal, q não criaram a “terra”, criação e imposição tribal, com limites epistemológicos ligados ao predomínio e à presença].

*. a máquina tribal são redes de forças, crenças, práticas, produções, relações [frequentações, contatos, ligações, integrações, simpatias, repulsas, analogias, arrolamentos, vizinhanças, inclusões, exclusões, afinidades, catálogos, correspondências, indexações, subordinações, vínculos, correlações], nódulos vivos de fluxo criação, reprodução, produção, defesa, consumo, basicamente imaginários (passado, futuro: “o real”) jorrando o imediato (o imediato é esse jorrar q não cessa em produções: o q já não é sem haver sido: o q existe apenas como linguagem porq já foi sem ser nunca um é): não há nenhum lócus fora dos devires da máquina tribal: todo antes, todo sem, todo depois é “conversa” do entrenós: entes de razão reificados, imaginação delirante, principalmente pra impor, deformar, generalizar, repetir, dominar.

*. verdade e realidade não existem fora dos movimentos, crenças, relações, práticas, repetições, imposições, rituais, desejos, valorações, poderes: todo saber é sempre tribal, acontecendo sempre e provisoriamente entre as práxis da máquina tribal.

*. a “única” dimensão - o mundo da tribo - a “única” existência - o q pode ser conhecido, mudado, apreendido: a diversidade, os fluxos, os processos sem finalidade e sem origem [mas com agoras “precisos” quando relacionados e definidos], as multiplicidades polidimensionais sem unidade possível, sem lócus privilegiado, as multidões de forças em correntes imediatas de devires são pro-postas por crenças, ações, atuações, rituais, programas, necessidades imobilizados em “ser”, “objeto”, “sujeito”, “saber”, “verdade”, “realidade”, “materialidade”, “método”, “linguagem”, “devires”, “caos”: pra poder ser “capturado”, ser artifício de saber, precisa primeiro ser configurado violentamente com as forças impostas ao restante dos devires enquanto forças, afecções da máquina tribal em fluxos ritualizados: o “ser” advém do entrenós enquanto imaginários jorrando no imediato q é a máquina tribal: os devires se vislumbram como as forças das produções do entrenós da máquina tribal.

*. as forças no imediato não preexistem, “antes”, ao imediato, elas são efetivações relacionais e apenas assim podem ser “manipuladas” [é da “escória”, das “raspas”, dos “bagaços” imaginários dessas relações “momentâneas”, novas e em incessantes desdobrares q se constrói mundos, sujeitos, objetos, eventos, memórias, tradições]: o imediato nada fixa (abismos mirando abismos), apenas os desenrolares são postos como anterioridade, posterioridade, substancialidade, realidade, ficcionalidade: fora das múltiplas relações em devires só imaginação: os desenrolares fazem “emergir” e “submergir”, aparecer e desaparecer, o “ser e o ente” em devires q somente através de metafísicas (o esquizo pleno da máquina tribal) instauradas enquanto corpo, mundo, produção, reprodução, proteção, tempo, podem dar-a-impressão de limite, recorte, temporalidades de todos os tipos [forças imaginárias imobilizantes]: “sujeitos” e “objetos” desaparecem nos devires, ou desapareceriam sem se tornarem se não fosse a metafisização “necessária” como forças em relações tornando os devires de jorro in-espesso

em "mundo": mas até mesmo essas "relações", essas "forças", esses "desenrolares", o imediato, os devires, não passam de posição, interpretação em oposição às integrações "necessárias" as produções, reproduções e proteções da máquina tribal sociodemonazifascistacristã: sem uma metafisização eficiente as efetividades da máquina tribal não "funcionariam": sem materializar, desejar, unificar, identificar, temporalizar, espacializar os devires não seriam manipuláveis: sem transformar em linguagem, signos, símbolos, mitos, idéias, corpos, sintomas os devires não "serviriam": as metafísicas são proteções fundamentais do horror da tribo, da tribo enquanto horror: o escorpião metafísico: o círculo vicioso q não pode ser compreendido fora duma visão genealógica.

*. é impossível enfrentar "filosoficamente" o existente sem a noção operacional de caos [devires crus: devires antes de serem mortos, destrinchados, cozidos, assados pela formatação: aquilo q jorra dos corpos e chamamos "crianças": como se os devires existissem antes, dentro, como se fossem a matéria do existente pra nós: não "sendo" assim, o conceito de caos é apenas conceito, operacionalização do já-conhecido: onde incidirá surgimento (forças, relações, poderes, afetos: múltiplas fontes): pra não começar com uma metafísica explícita como natureza, universo, corpo, sociedade]: o "existente" antes, sem e depois da presença (proposições metafísicas) enquanto máquina tribal: a profusão, o jorro, a diferença em devires gerados enquanto imediato e sendo a máquina tribal advindo do entrenós q é a máquina tribal: toda espessura é jorrar repetitivo criativo no imediato: sem essa noção o existente precisa de conceitos nitidamente metafísicos, isto é, como a noção de caos, não-sabem q são conceitos, noções, idéias, instrumentos: se pensam como fundamentos reais do real, como o concreto mesmo, a exterioridade.

*. uma "natureza do mundo" não pode ser conceituada a não ser enquanto perspectiva esquecida q é perspectiva: "fora" só há o mundo da máquina tribal: o "mundo do ser" é delírio periculoso [é o "fundamento" de todos os tipos de "campos de trabalho"]: todo "fora" é "dentro": uma "natureza do mundo" só pode ser pensada como im-possível "natureza" da máquina tribal, como a máquina tribal se faz existir e persistir.

*. o "grande mundo" [o universo, a natureza, a sociedade, as classes, a história] é parte constitutiva da máquina tribal, dos "pequenos mundos" da máquina tribal, compondo suas megalomanias imperialistas e coloniais [religião, filosofia, ciência: "justificativas produtivas" pra exércitos, polícias, governos, estados, pedagogias]: esses imaginários "universais" normalmente são "fundamentos" das atividades de periferia [consideradas como "condições do trabalho": "matéria prima" e crença].

*. homem [o "ser por excelência"], humano, humanidade: alegorias [extrapolações, naturalizações, generalizações monstruosas, replicantes] da máquina tribal em suas expansões cancerígenas, famintas, incorporadoras: o conhecimento é tribal, jamais "universal", "antropocêntrico", "antropomórfico", noções criadas pelo próprio entrenós da máquina tribal tanto nos degenerados delírios religiosos quanto nos perversos delírios de expansão: sua existencialidade (gêneses, funções, relações, forças, razões) se liga apenas aos campos da máquina tribal, no

máximo como possibilidade tradutória, mas sempre enquanto assumir, consumir, transmutar o outro prum mesmo reconhecível: domínios, autoridades, impérios, forças, destruições, extermínios em formato, inocente e iluminado, de filosofias, teologias e ciências.

*. não há um real-para-nós e um real-mesmo: o mesmo desse real é o mesmo da máquina tribal: assim como não há aparência q seja a dum "mundo verdadeiro", "mundo das essências", profundo, mas devires de forças dum "agora": natureza é noção metafísica: exige um deus escondido, imaginações camufladas, o ser, imobilidades, fundamentos, inocências perigosas, tortuosidades racionais de defesa, produção e reprodução: natureza são as redes da própria máquina tribal esquecidas q são práxis essenciais enquanto idéias crenças q protegem elas: o conhecimento extensivo da máquina tribal em suas práxis incorpora esse conhecimento como algo-em-si, campos vivos, e não devires, q se bastam a si mesmos porq têm um senhor, uma lógica, leis e ordens q funcionam [a imaginação espinosiana], estranhamente, sempre, similares ao momento do mundo da máquina tribal: a natureza é sempre a natureza de determinado "momento" da máquina tribal, e há "sempre" natureza porq a máquina tribal não cessa nem pode cessar sua atividade.

ii

*. "antes" (os passados) do imediato são dimensões imaginárias produtivas, espessuras de programas e rituais, polidimensões da linguagem, tensões ativas tornados corpo agindo enquanto corpos q jorram, sabem e gostam de jorrar e forçam jorrar e mantêm a "existência" do imediato em seus fluíres (identidade, continuidade, causalidade, finalidade, materialidade, sentido): a "ação" leva do microponto no imediato ao "seguinte", "rima" e "ritmo" q atraem seus complementos tribais, des-dobrando a série in-espessa como algo e algo espesso, com antes e depois, numa teatralidade de "efeitos de realidade": desdobramentos são "inescapáveis": sua com-seqüência só pode ser quebrada fazendo inter-agir, convergir, se chocar em torções violentas, críticas, terroristas, iconoclastas os passados num imediato q não aceite mais os passados enquanto metafísicas de produção e proteção, enquanto máquinas com suas regras de funcionamento, programas q não sabem q são programas: "depois" do imediato as "tendências", pressões, idealizações, tramas, forças, poderes, desejos q, jorrando e se consumindo no imediato em devires [a máquina tribal são os devires: os devires não são uma realidade onde funciona a máquina tribal, mas ela mesma], mantêm o "existente" estável, previsível, aceitável, reconhecível, criando elos, imaginários de continuidade e sentido: o imediato, "único existente" [o q é um ab-surdo], lócus múltiplo dos devires q são jorros de manutenção, criação, reprodução, "armazenagem", "arquivamentos" e significações, a materialidade do entrenós [onde, quando, porq nascemos, sangramos, pensamos, gozamos, trabalhamos, suamos, acreditamos, morremos]: o imediato são os devires quase domados "onde" e "quando" sempre "estamos", o absoluto relativo in-espesso onde toda espessura se desdobra enquanto "efeitos de realidade", criando o existente e sumindo quase no mesmo fluxo sem origem e sem fim: as

máquinas contratuais e seu entrenós, q é a máquina tribal, são devires formatados q aprenderam a viver nos devires, nos lahares, nos fluxos piroclásticos da máquina tribal como se vivessem num “mundo do ser”, e assim vivemos, porq assim acreditamos, trabalhamos, pensamos, lutamos, negociamos, desejamos, queremos, forçamos, ritualizamos pra q assim “seja” [o “ser” é forma imobilizadora de vi-ver os devires]: e diferente não “é”, pode, nem poderia “ser”: o imediato é atividade, ações e contrações, devires sobre devires, jorro dentro de jorro, ritmo sobre ritmo, ritual sobre ritual, força sobre força, relações vivas q se instauram e somem ao mesmo “tempo”: fora dessas atividades, fora do imediato, o imediato é apenas e somente idéia, noção, conceito: nada apreende, prende, compreende o imediato enquanto imediato.

*. o real, o imedi-ato, é o in-espesso: as verdades são sintomas de crenças impostas por “sistemas de forças”: não há “a” verdade nem sequer dentro do sistema de crenças dessa verdade: a verdade é sempre ingenuidade perigosa: a-verdade-é-o-ser [o momento da máquina tribal, sua conveniência]: o próprio núcleo das estratégias da máquina tribal [universalizações, naturalizações: regras q não se expõem].

*. a história é absurdo compreensível apenas nos quadrantes de poderes bem específicos: no mínimo “contradictio in adjecto”, aberração necessária ao “mundo do capital”, manipulação capciosa, interesseira, dos imaginários q rolam “fazendo” o imediato: ao tornar esses imaginários (passados) estrutura, sistema, lógica, racionalidade, processos, materialidades, mercadorias, dinheiro, realidades autônomas [acontecidos em-si, na melhor das hipóteses, q mudam apenas enquanto interpretação mas q “existiram” e “existem”], o q se faz é despolitizar [imobilizar, adestrar, supor, reificar interpretações: com-firmar as formas, os movimentos, as necessidades, as despoliticidades re-queridas por determinadas formas de poder] o imediato (essa é a grande função da História): os desvios, as violências, os imprevistos, as politicidades possíveis dos imaginários são domados, ordenados pela noção de história [tempo castrado, doméstico]: o domínio do tempo é despolitização generalizada dos imaginários enquanto passados e dos imediatos: sem essa despolitização escapam das religiões, das filosofias, das ciências a ordem, os ordenamentos, as necessidades, as justificativas, os fundamentos, as razões, o medo: tudo pra docilizar o imediato.

*. devires não é fundamento, ser-em-si, natureza, ser: é conceito, noção-constitutiva da máquina tribal: a máquina tribal não é mais q ela mesma, o mesmo desidêntico do limite, suas relações, seus delírios de totalidade, suas impermeabilidades e falsas permeabilidades: limite existencial, epistêmico, filosófico: além os tentáculos famintos da máquina tribal: a máquina tribal é cega (mas tudo vê), mas profundamente sensível: imperialismos, colonialismos, canibalismos, infestações: a máquina tribal invade tudo [o tudo q parece ser outro, mas é sempre ela mesma: a máquina tribal não consegue encontrar o “outro”, a “negatividade” do seu mesmo sem incorporar, tocar a partir da sua perspectiva, da sua fome, das suas metafísicas e produções] com extrema propriedade, violência e razões: sua universalidade precisa duma natureza como suporte: “matéria prima” desgarrada em metafísica, ser, matéria, substância, terra: fazenda, propriedade, contratos, serviços, serviços, mercadorias.

*. só podemos conhecer/modificar o “mundo”, a “natureza”, a “história”, o “sujeito” por tudo isso fazer parte da máquina tribal: a máquina tribal em seus devires: ou o q com ela se relaciona em “tradução” [negociações, canibalizações, escravismos, imperialismos]: mesmo assim os “sistemas de crenças” criam posições viciadas q só podem dizer a si mesmas, não dum imaginário todo: a máquina tribal não é perspectiva: nela e dela é q todas as perspectivas são possíveis: o fora, o antes, o depois, o sem, o universal, o natural são apenas perspectivas da máquina tribal: como todas as perspectivas são tribais elas mesmas além de parciais e interessadas possuem limites radicais e inescapáveis: sempre nesse, desse, pra esse “universo”: nenhuma transcendência, nenhuma “razão maior”, nenhum mais: sem resto.

*. cada perspectiva é diferente sistema de forças, com seus membros, cartografias, idéias, políticas, temporalidades, violências, educações, mas todas visam o “bem” da máquina tribal, mesmo dizendo e vivendo o contrário: a tribo só gera e só pode gerar perspectivas q sejam absorvidas (pelas individualidades, pelo mercado, pelas crenças, pelas políticas): a máquina tribal é a “ameba”, a “esponja”, o “vírus” perfeito: numa maneira ou doutra tudo termina ou deve terminar no mercado, na igreja, na mídia, na família, na ciência, na escola, na filosofia, na praça, nas ruas, no estado, nas mãos, na boca: mesmo o q sai deve voltar como adubo.

*. todas as unidades, permanências, imobilidades, identidades são ficções necessárias ao imediato enquanto despolitizações: é assim q o entrenós da máquina tribal “existe”: manipulando [aquilo q se faz com as mãos, com o corpo, com o tato, com o “incorporado” (o incorporado é o corpo)] os devires com as espessuras violentas e potentes do tempo jorrando em regras (“efeitos de realidade”) no in-espesso do imediato: assim se mantêm, se cria e se recria o “real” enquanto “concreto”: a máquina tribal, o entrenós, é escorpião cego q só pode ferir a si mesmo enquanto devora tudo ao redor, o ao redor q é ele mesmo [toda “imagem” de “fora”, o estranho, o outro, a diferença parece ao entrenós da máquina tribal como extensão do próprio entrenós].

*. a ciência delira um “antes”, um “sem” e um “depois” (da presença, do entrenós da máquina tribal) porq é sistema de práticas, rituais e conhecimentos [em primeiro lugar ligado à produção sempre renovada das mercadorias e como fundamento das crenças necessárias ao funcionamento da máquina tribal] q introjetou como base epistemológica invisível o deus principal da máquina tribal (q desapareceu diretamente do seu saber), o q garante sua “transcendência” (camuflado de imanentismo), seu “absoluto” (camuflado por leis e relativismos): é forma de religião monstruosa (porq não sabe q é religião), com sacerdotes (cientistas, técnicos, especialistas, professores, intelectuais) cuidando das produções, da saúde e segurança das manadas trabalhadoras, e da geração, difusão e força das crenças “atuais” da máquina tribal, gerando verdades, realidades, certezas e incertezas próprias ao mundo das mercadorias [sem a “dúvida metódica”, sem a insegurança, sem o provisório, sem o incompleto, ?como as mercadorias (a própria materialidade, o existente) poderiam, nesse “sistema”, mutacionarem:

aos trabalhadores nunca interessou modificar-para-melhor os meios, os instrumentos, as forças de trabalho muito menos as mercadorias: o capitalismo criou, cria e recria constantemente uma “casta” encarregada disso].

*. como toda perspectiva (todo lócus, toda circunstância, toda posição) é “parcial” [por mais energia não consegue ver, dominar, superar sua própria posição, redes, desejos, interesses, poderes, limites, relações, forças: q são o q põem, possibilitam, dispõem, criam, impõem e mantêm a própria posição], a totalidade é sempre “excesso de poder” (excesso de “vontade de poder”), gasto de forças, dispersão, fraqueza: toda síntese, todo ilimitado, todo legítimo e verdadeiro é simples equívoco, jamais inocente: nenhuma perspectiva, e nada, é “transcendente” (idéia sempre na máquina tribal), muito menos “imaneente” (nem além nem dentro: faces duma mesma moeda verdadeira demais pra máquina tribal).

*. as materialidades, os sentidos, as energias, as propriedades (o eu, as coisas, o mundo, as aparências, as imobilidades) são im-posições, criações, relações da perspectiva em perspectivas, do imediato enquanto jorro vivo de todas as perspectivas em conflito e contradições: os jorros vivos q fazem o imediato se tornam o-real-para-nós só por jorrarem enquanto positivities múltiplas, articulando os devires num feixe de forças mantido por poderes domados, feitos-domados: assim o “ser” é pra-nós: o real são os vestígios do rolar vio-lento do imediato: o real é sempre passado, q pode ser politizado, posto em ação ou despolitizado, imobilizado num já-acon-tecido.

*. “nossa” perspectiva jamais pode ser exterior à máquina tribal: o imediato, enquanto carrossel de ficções “essenciais” e “necessárias” (supérfluas e desnecessárias), carece de fundamento [tudo “carece de fundamento”: ele é sempre posterior, de dentro, das crenças, das relações, dos conflitos], de origem, de finalidade, de sentido, de medida: mas é exatamente isso q nos parece, e “é”, a existência, o mundo, a vida.

*. o conhecimento, o saber, sem ser absoluto, totalitário, relativo ou “incondicionado”, só pode ser parte de cada perspectiva, com os limites de cada lócus, de cada encadeamento de desejo, de cada sistema de ficções: a compreensibilidade de qualquer “coisa”, “eu” ou “mundo”, advém apenas de cada perspectiva, de suas forças e poderes, das suas posições, de suas estratégias sobre outras perspectivas: nenhuma delas, nem essa, “anuncia” nada de verdadeiro, objetivo, real, natural sobre a máquina tribal, mas tão somente exercita a si mesma como jogos de ficções, estratégias de criar crenças, práticas, realidades: tudo isso faz-funcionar: a máquina tribal, o entrenós, os sistemas de crenças, os trabalho, as mercadorias, as idéias: as perspectivas, as interpretações são tão somente as “traduções” do q accon-tece no imediato.

*. as próprias “espessuras” do imediato também são “imaginárias”, mas nem porisso são, mesmo sendo, “imateriais”, “irreais”, “ideais”, “subjetivas”: os devires são o concreto: nada mais afiado, político, real, doloroso, prazeroso, potente q esse nada-de-ser, esse tudo-de-poder, de quase-poder, q im-põe o-ser em seus fluxos perversos, violentos, selvagens, domados, domesticados, familiares, íntimos.

*. não há “nada por trás” nem à frente do imediato [logo, não há sequer o imediato: noção pra dar conta desse quase-nada violento em devires q sentimos no ato de sentir como “ao redor” e “dentro”]: o entrenós, os grupos e individualidades fazem jorrar o imediato enquanto sentidos encadeados (a sensação de antes e depois): mas o imediato não é a “aparência”, q só existiria se houvesse “outro mundo”, algo por trás, essência, fundamentos infundados ou fundamento dos fundamentos, matéria, natureza, deus, mas os “nossos” devires, aqueles q “modelamos” e fazemos existir [as matérias, as forças, os jogos da máquina tribal]: o imediato, provisoriamente, se sustenta em atividades, ações materializantes q ao se instaurarem somem, “aparecendo” em finas fatias de força, nos deixando em seu rastro, em seu fulgor, o próprio imediato, o real, o concreto, a história, o movimento, o conjunto, as unidades, as relações: o imediato é o fulgor das atividades incessantes das máquinas contratuais: relações vivas jorrando e sumindo: toda espessura, toda densidade, todo antes-depois, é ação q se esgota nos seus fazeres e se mantém somente enquanto imaginário q faz o imediato significar, o q se desdobra sem ser, sem espessura, q apenas quando aparece existe: não há o “mundo”, as “coisas” e “nós”: o “cosmo” é o imediato, e ele não-é: única dimensão q pode ser vivida, vista, tocada, experienciada enquanto não-sendo, e só experienciada porq não-sendo: tudo só pode ser modificado, revolucionado, torcido, resistido, porq não-é: se fosse seria metafisicamente o ideal da despolitização.

*. o imediato não é um “mundo”, isto é, algo “externo”, livre, independente: o imediato fulgura como os devires vivos de todos os sentidos, matérias, ações, reconhecimentos, experiências, im-corporações: interpretar não é compreender o “mundo”, mas impor “meus sentidos” interessados enquanto imediato: atingir os devires na sua medida: não há, jamais, algo a ser interpretado, mas algo posto por imposição e algo “reescrito” por mim (rastros regrados e regras de rastros), impondo outra direção, outro aparecer [apesar de “todas as ações” se darem pra reproduzirem, salvaguardarem o mesmo]: o limite não é o “ser”, o “ente”, mas “discursos”, “interpretações”, “corpo”, “coisas”, “poderes”, choque entre instaurações do imediato (q é sempre plural, múltiplo, indefinido, sem horizonte, sem núcleo): o “núcleo” do real são os passados [aquilo q se torna somente por atividades de forças, de interesses, e pressões agora], aquilo q “rola” se tornando o imediato: a politização é, antes de tudo, essa “matéria imaginária” q, ao se desdobrar, ao rolar no aparecer desaparece, é o próprio real em fulgor.

*. os devires [como não há o ser, o devir é não mais q hipótese, na verdade mais uma impossibilidade metafísica], assim como não re-velam um por-trás nem um “núcleo”, não apresentam “fenômenos”, q são, sempre, construções discursivas, seleções, perspectivas: os “fatos” não acontecem, são, claramente, interpretações [falas, escritas, imagens, discursos]: por-trás das interpretações só poderia existir o caos, mas o caos não é “existência”, ser-posto-aqui, mas postura interpretativa, noção, conceito, fundamento teórico: além do viver pleno do imediato e do delírio das interpretações não há literalmente nada [o cosmo, os fundamentos, a base, a essência, deus, a história, a matéria, a natureza, a energia, o homem].

*. a máquina tribal é o entrenós: esse entrenós (a ocidentalidade) inventou “a terra” (planeta, globo, natureza, universal, humanidade, homem, humano): os “outros” do entrenós são extraterrestres [sempre postos pelos entrenós em imperialismos e sendo possível serem “vistos” apenas pelas perspectivas violentas instauradas pelos entrenós: quem vê ta sempre interessado no seu posto: no mercado, no estado, na indústria, na fazenda, na máquina tribal]: os “outros” da máquina tribal são extraterrestres: sem essa im-posição epistemológica seremos sempre tragados pelos universalismos, as generalizações naturalizantes, as neuroses, as fagocitoses, as infestações, as destruições da tribo em forma de saber e convivência: não há nenhum antropocentrismo, nenhum logocentrismo a não ser como “doenças” interpretativas [sempre justificativas] da máquina tribal [a caduca e inescapável “tribo” branca, masculina, adulta, racional, cristã, fascista, mercantil, consumidora, crente, midiática, familiar] q impõem fundamentos “sem notarem” q eles são também, e somente, interpretações perversas, dormentes, envenenadoras.

*. o imediato não tem nem é “exterioridade”: não há “ponto de vista exterior”: o imediato é enfrentado em suas forças, nos jorros vivenciais [no cara-a-cara, no suor, na luta, nos afazeres, nos sexos, nas mortes] enquanto um desdobrar interpretativo e potente no “aqui e agora”, q é luta na e com as linguagens, com os discursos, com e nas interpretações, no concreto, no real: politicidade q não seja normose periculosa só pode se impor tendo os devires como “existente”, como passado.

*. as “exterioridades” das ciências são alegorias práticas da máquina tribal (“esquecimento”): só podemos compreender (enquanto vivência) o entrenós e as “traduções” possibilitadas pelo entrenós da máquina tribal: a natureza, as mitologias, as metafísicas, as ciências, as doenças e tumores teológicos só são possíveis, compreensíveis, porq são partes constitutivas dos delírios, das reproduções e produções da tribo: os “extraterrestres” só são compreensíveis por um complexo sistema tradutório [laboriosamente constituído com e pelas violentas e perversas marcas, esquecimentos, torções, linguagens, línguas, experiências de invasões, colonizações, escravismos, imperialismos, mercados, mídias e ideologias] onde quase sempre se tem menos compreensão e muito mais fagocitose, projeção e pré-domínio: pra máquina tribal só existe o mesmo.

*. essas idéias, esses fragmentos, não são sobre a essência, o fundamento, o ser, mas são idéias [todas as essências e fundamentos não passam de idéias, de discursos, de imaginários em delírio], q são constitutivas, q fazem parte de perspectivas, de interpretações, de interesses, de politicidades: nenhuma ontologia [nenhuma ontologia é possível: as ciências não passam de metafísicas de produção, reprodução, consumo, gestão e defesa do “universo do capital”: estranhamente metafísicas do objeto, sistemas de fabricação de verdade e realidades: cratologias]: ao assumir as contradições, os conflitos, os passados sob as perspectivas da politização ou despolitização podemos ver o jogo de perspectivas e

suas funções, podemos ver as perspectivas das máquinas contratuais em suas posições, periculosidades, potências, insuficiências e incapacidades constitutivas: seus limites.

*. a práxis viva do entrenós da máquina tribal é o “mundo”, é a própria máquina tribal, a existência das máquinas contratuais: atividades, relações, movimentos, forças, poderes, vontades, interesses, desdobramentos: instáveis, sem fundamento, sem sentido, sem finalidade a não ser as próprias: o “mundo” se apresenta como o imediato, o q se desdobra e já passou, como tempo, espessuras, densidades: todo existente se equilibra sem-ser entre dois abismos imaginários: o imediato é esse quase nada imaginário do entrenós q a máquina contratual põe e dispõe, q põem ela e dispõem dela, proíbem e permitem, se abre e se fecha, se multiplica e se esgota, e já-foi: o imediato só pode ser-vivido, falado, pensado, trabalhado, sangrado, suado, percebido, sonhado, desejado no e porq já-foi [o já-foi é o real, o mundo, o concreto: é no já-foi q devem incidir as politicidades: a liberdade só pode se inscrever na máquina tribal, isto é, em sua necessidade, em seus encadeamentos, na compreensão dos seus jogos e rituais], q jorra sendo sem ser: o imediato é onde se joga o jogo inescapável do mesmo e da diferença [politicidades e despolitizações].

*. como o “mundo” são as relações vivas da máquina tribal, como somos-nós q geramos, mantemos, reproduzimos “ele”, só “ele” é possível pra “ilusão de compreensão” [aquilo q se enquadra sempre dentro das nossas expectativas, desejos, regras, poderes, leis, crenças, grades de força e significação]: todo sem-antes-além dele é parte delirante dele: mas precisamente por “ser” as práxis vivas do entrenós, seus devires, jorros, poderes, crenças, perspectivas, tempos múltiplos, não pode ser compreendido como “todo”, como “unidade”, como “corpo”, mas sempre dum lócus, dum sistema de interesses, de poderes específicos, de vieses: a máquina tribal “sempre foi descrita” por mitologias [teologias, religiões, filosofias, ciências]: grande parte do dito-para-fora são imagens dos fluxos do “dentro”: gerado-por-nós, mas exatamente porisso, inapreensível [porq existe somente como discurso, imaginação, ficção, crenças, tando fora do atingível no imediato: suas funções são esconder as despolitizações universalizantes, esconder a própria máquina tribal em sua inescapável evidência] seja por “um lócus”, seja pela “soma de lócus”: forças interessadas, sempre parciais, poder sobre poderes: o imediato são imposições de poderes enquanto somem e tornam jorrando: qualquer “sobre o mundo” é teoria, idéia, discurso, não é o “mundo”, q jamais pode ter “forma”, “cartografia”, “estabilidade”, “regularidade”, “substância”, “medida”, “razão”, “finalidade”, “objetividade”: “a religião” “a ciência”, “a filosofia” só podem ter razão nos mundos inventados por elas [ter razão naqueles imediatos q rolam a partir delas], todos “dentro” da máquina tribal, onde não “há” nenhum “lócus ideal”, imóvel [mentindo historicidades, dialeticidades, conflitos e racionalidades] q permita qualquer interpretação como medida dos outros: o canalha “estado de natureza” de hobbes.

*. o "mundo" da máquina tribal [basicamente o q se chama "passado"] é estritamente ficcional: mas essa ficcionalidade não faz ele ser "irreal", "ideal", "metafísico", "inconcreto": exatamente por ser ficcional, redes vivas de forças em jorro, interdependências, modificações, multiplicidades e diferenças, é q podemos inter-ferir (interpretar, mudar, revolucionar, manter, subverter, viver e reviver): ficção é invenção, criação, posição, imposição, exposição "nossa" no entrenós: seu "caráter ilusório" exige, e não afasta, sua pragmaticidade, sua utilidade, sua normose: sem essa ficcionalidade [o imediato em seu esmagante rolar-desdobrar, reproduzir-produzir, criar-destruir (o mesmo, o diferente, o igual, o idêntico, o outro) de ficções fundamentais] o "mundo" não funcionaria: nossa "matéria" é plástica, argilosa, violenta, múltipla em devires exatamente porq ad-vém do entrenós enquanto práxis ficções num jogo de interpretações vivas entre politicidades e despolitizações.

*. excluindo "entes metafísicos" (q tão "dentro" da máquina tribal sem saber firmando o contrário) só há a máquina tribal, o entrenós, as máquinas contratuais como existente: o "mundo" é a máquina tribal: "feito", "mantido", "reproduzido" pelo entrenós das máquinas contratuais: daí porq tudo é passível de racionalização: tudo "é racional", "real", "verdadeiro", mesmo sendo irracional, irreal, falso: com isso não há imobilização, mas politização da práxis na medida do existente-para-nós.

*. o q a máquina tribal criou enquanto "mundo" pode se "suicidar", se "exaurir", ser "destruído": o entrenós não é eternidade, mas relações vivas q se querem eternas [deus, universo, ser]: o horror, q é o "mundo", não descansa enquanto não devora, assimila, infesta, cloniza: devires de poderes q não podem ser "racionais", a não ser quando isso fizer parte de suas "necessidades": "destruir a natureza" é perversa metáfora pra auto-destruição do "mundo do entrenós", não "realidade em-si".

*. a "verdade" não ta na História [muito menos na história: nem na disciplina e muito menos em sua invenção, em seu equivocado e tradicional "objeto de estudo", em suas despolitizações do imediato enquanto passados], na natureza, nas coisas, no "mundo", mas nas forças q se abrem e se fecham, aparecem e desaparecem, criados e descriados no imediato, sendo e não-sendo "verdade", "realidade", imaginário, concreto.

*. os passados não existem em nenhum outro-lugar a não ser no aparecer desaparecendo do imediato: ele é posto sempre e a cada momento por nossa "capacidade" em gerar ele agora: os passados tão sempre em movimentos de criação recriação, sempre pontuais no imediato enquanto o "resto" é pressão imaginária no imediato [temos um ponto do rabo do gato "agora" e o resto do gato no imaginário].

*. pensar o q foi é pensaragir no imediato: apenas as atividades de enfrentamento, modificação, dissolução, torções do-q-foi modifica o imediato [modificar o-q-foi é modificar agora o/no imediato sempre na medida da máquina tribal: fora dessa medida é imaginação]: ação pensamento enquanto enfrentamento é um dos principais engendramentos do outro e das diferenças.

*. os devires não são temporais ou espaciais: não possuem ou são presentes, passados ou futuros, muito menos início, meio ou fim: nem lá, nem aqui, nem longe, nem perto: os devires só são devires no e através da máquina tribal e seu entrenós em ações: o imediato e os devires são perspectivas politizantes do agora, não "existências", "materialidades", "concretudes" universais naturalizadas: forças maquinizadas e maquinismos em potência.

*. dobramos e desdobramos o existente-involuntário [o caos formatado em corpo, sentidos, mundo, outros] como jogo [a formatação é "capacitação" pra desdobrar: é desdobrar vivo, desdobra "naturalmente"], com suas regras e repetições: nosso corpo é constituído como plasma-q-é-habilitado e porisso se-habilita, "redes de jogos", ordenamentos, regras, ordens [o existente, o corpo são metafísicas: forças e poderes q formatam o caos em redes de temporalizadores operacionais: metafísica é o q cria a física: as forças q não se sabem forças e se consideram universais, naturais: o q torna as forças coisa, eu, mundo, sentidos].

*. a "órbita do ser", da unidade, da lógica, da identidade, da verdade, da natureza, da história, da sociedade (noções, conceitos, instâncias, formas de práticas, crenças e relações essencialmente metafísicas) são as "condições do trabalho", aquilo q faz funcionar o imediato em sua grande-dimensão viva e em funcionamento: as metafísicas não são "algo" q possa ser "refutado" [o q seria usar metafísica contra metafísica: a "razão", a "lógica", o "conhecimento", a "consciência" são noções metafísicas: alegorias da máquina tribal], mas compreendido em seu "funcionamento", combatido e enfrentado em seu inescapável horror "materializado": ao mesmo tempo em q o imediato só pode ser atingido "revolucionariamente" [os devaneios coletivos duma política como pastoreio, atividade "salvadora da coletividade" muito próxima da religião e tão periculosa quanto ela] ao se enfrentar os passados, esses mesmos em sua forma de existência são mais potentes q o próprio imediato em sua "dureza" [mas o imediato existe essencialmente enquanto "desdobramento involuntário", o q faz os "sistemas" funcionarem numa repetição re-querida, sem "contestação", sem terrorismo eficiente]: mesmo cada elemento sendo imaginário, ficcional, sem fundamento, a não ser redes articuladas de deuses ex machina, sua potência produtora (potências vivas q fazem produzir, reproduzir, proteger) é muito maior do q aquela q aparece no imediato e como sua "competência" pertence aos "letrados" q criaram, criam, mantêm e protegem prioritariamente os imaginários necessários ao funcionamento do imediato, "nada pode ser feito": um círculo vicioso impede q as máquinas da máquina tribal sejam quebradas: ela só muda no ritmo da sua própria força ou compreendida impotentemente: sem ser enganado, sem querer ser enganado, sem se lutar pra ser enganado, sem se proteger e difundir "ilusões fundamentais" montadas em deuses ex machinas, não há as "condições de vida", não há a máquina tribal: porisso o "caráter de necessidade" dos fundamentos não são "lógicos", "racionais", "filosóficos", "científicos", mas essenciais pro funcionamento articulado do imediato enquanto "comunidade", "história", "trabalho", "ser social".

palavras, coisas, poderes

“Impossível enquanto tal o conhecimento no devir: como é, então, possível conhecer? Como engano sobre si mesmo, como vontade de poder, como vontade de enganar.”

Fragmentos Finais (2002, 95)
Friedrich Nietzsche

i

- *. a matéria essencial é linguagem: linguagem é a “matéria”, as “coisas”, os “sujeitos”, as “relações vivas”.
- *. a matéria essencial são as “coisas”, os “sujeitos”, as “relações vivas”: linguagem é tudo isso tornado jogo na medida: parte do movimento lúdico devindo em suas forças e poderes no imediato.
- *. as relações vivas são a matéria essencial: é a linguagem das coisas, são as coisas da linguagem: os sujeitos e as coisas são as relações vivas: o corpo.
- *. isso não exclui historicidades, contradições, politicidades, mas pressupõe elas: forças e poderes se apresentam “agora” sempre como historicidades, conflitos, contradições, politicidades [invenções do momento capitalista da máquina tribal]: o aparecer, o pensar, a substância das forças e poderes: atu-ação de “recortar” devires, desdobrar, impor ritualmente: real é imposição ritual: a máquina tribal existe como imposição ritual, forças e poderes: práxis incessante criando e descriando, dobrando e desdobrando o existente no imediato: vivências imaginárias se desdobrando agora em seus limites e centros mantendo a continuidade do existente, da efetividade tribal, q precisa da presença [ao mesmo tempo individual, grupal, tribal] e das forças poderes ritualizados enquanto identidade e diferença, necessidade e liberdade, crenças e naturezas.
- *. a relação entre as “palavras” e as “coisas” não é lingüística, lógica, histórica ou ontológica, mas vital: “palavras” e “coisas” são geradas nos jorros vitais do imediato da máquina tribal, no produzir reproduzir o real no imediato: os jogos vivos, jogos da vida, produz reproduz “palavras” e “coisas” (corpos-coisas: corpos palavras: palavras coisas: coisas palavras: linguagens-entes): as forças poderes postos em andamento separam apenas por “astúcia”, por “conveniência”, por teorismo e misticismo, “palavras” e “coisas”: a relação é “carnal”: se faz na práxis criadora do real no imediato: nominalismos e realismos são faces da mesma cabeça monstruosa: a separação é pura e ingênua metafísica: nada é mais manifesto q a máquina tribal: não há “mecanismos” separados pra geração da linguagem e pra geração das coisas: “lógica”,

“lingüística”, “teoria da literatura”, “economia”, “política”, “prática” e “teoria”, só se separam metafisicamente: as cristalizações dos devires precisam produzir estranha e dolorosa “multiplicidade” de máquinas de tortura: como cada máquina “separada” significa, funciona, parece lógica, dão a parecer [são criadas pra funcionarem separadas, existirem separadas: se cria inclusive a relação e as dificuldades da relação] q podem ser separadas, pensadas cada uma no seu quarto, na sua lógica: não “há” nexos algum, ponte nenhuma, nenhum “caráter lógico” entre as “palavras” e as “coisas”, entre a “linguagem” e o “mundo”, entre os “nomes” e os “objetos”: nenhuma relação estável, pura, sincera, lógica, ontológica ou seu inverso: tanto os “elementos” quanto suas relações são puras máquinas metafísicas em funcionamento [sem essas máquinas metafísicas o real da máquina tribal não funcionaria].

*. o mundo é a máquina tribal: só há o mundo da máquina tribal: a máquina tribal é linguagem: as linguagens são as coisas: as coisas são as linguagens: linguagens coisas fazem parte das forças poderes q formatam o imediato enquanto efetividade: a efetividade é a máquina tribal: devires entizados são, no imediato, linguagens coisas, coisas linguagens: a efetividade, o real, o mundo, o concreto: as separações são possíveis porq cada “ente” ao ser entizado, desdobrado, posto, posto a funcionar no imediato, “é” enquanto lógica, funcionalidade, conhecimento, materialidade, horizonte de verdade, realidade, ficcionalidade, de concretude, de movimento, de relações q parece, e “é”, autônomo, parecendo criar e criando “suas” próprias posições, mediações, sentidos, razões, possibilidades e impossibilidades: rituais de força poder garantem sua “existência”, seu “valor”, sua “história”, sua autonomia escondendo os jogos, o jorro produtor.

*. o q dá o “caráter” lógico, ontológico, histórico ... à linguagem mundo, às palavras e as coisas, é a atuação ritualizada q “é” o imediato: forças poderes num “círculo vicioso”: o imediato é esse círculo vicioso: esse poder-de-ser sempre estruturado, sistêmico, encadeado, hierarquizado, orgânico, coisificado coisificante: poder-ser-pensado e poder-de-ser são arquitetônicos pelos ritmos ritualizados das forças poderes criando o imediato: imaginários dolorosos demais, ásperos demais, jorrando violentamente no agora, indo e vindo, aparecendo e sumindo com estranha tormenta, pra se deixarem “perceber” ou “pensar” como imaginários vivos de força poder gerando a efetividade no imediato: natureza, sociedade, história, homem, humanidade são noções internas da máquina tribal q apenas dizem o limite da compreensão do q é “interno”, do q “é-já”, do q jorra da máquina tribal pra máquina tribal [tribaal] e na fina linha do imediato aparece como a realidade, unidimensionalidade q jorra das multidimensionalidades imaginárias.

*. os “modelos da realidade” não são o q se propõem: são modelos, isto é, são “representações” de si mesmos, das teorias q os torna “possíveis”: já são modelos de modelos: os devires não são modelizáveis, não se tornam linguagem a não ser naquelas q sejam devires também: as modelizações da realidade dizem respeito a realidade das coisas, das temporalidades, das lógicas, isto é, enquanto espacialidades e imaginários, coisas domesticadas, imobilizadas em seus fluxos, possibilidades vivas de desdobramento e convivência: essa

realidade, a "imobilizada" nas coisas e nos imaginários, já inclui modelos em sua "forma de existência": propor modelos, propor relações entre linguagem e mundo requer reduzir o existente a dimensões coisificantes: dizer q modelos são modelizáveis: o ser é modelo de forças ritualizados reificados: o corpo.

ii

"Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos."

O 18 Brumário
Karl Marx

- *. "algo" é sempre relações de forças, presença, imposições de sentido e existência. "algo" só é compreensível se buscarmos as forças postas em ação, em relação, em ex-pressão, em surgimento: realidade são forças em relação, postas, impostas, dispostas, propostas em rituais q escapam e se impõem.
- *. a genealogia de "algo" é a compreensão (compressão) das forças q puseram esse "algo" (em relação, em movimento, em significância, em existência).
- *. a estimativa, a pesagem das forças, suas posições e relações, são os sentidos pro estimador: os sentidos nas redes vivas das forças não são aqueles sentidos inventados pelo estimador, mas aqueles gerados pelas relações de forças no imediato, isto é, como essas forças se vêem, se dizem: máscaras q escondem seu caráter de forças.
- *. "algo" é expressão de forças: sua aparição é a aparição das forças [presença do estimador enquanto "todas" as forças: poder de expandir, de ex-por todas as forças, todas as relações de forças, ou ocultar, reverter, deformar, enfraquecer]: não há "algo" e as forças: as forças q irrompem de determinada maneira é o "algo": forças sobre forças contra forças: o imediato em sua pluralidade é a irrupção do entrenós da máquina tribal através-de-mim enquanto todas as forças q me fizeram [determinaram, condicionaram, libertaram], me fazem e fazem fazer o real: a multiplicidade, a pluricidade, a multidimensionalidade do real é a minha, é a do entrenós da máquina tribal.
- *. os devires são as forças: o "ser" dos devires são os fogos de forças: devires da máquina tribal: o entrenós: o corpo.

*. viver é ampliar as forças, reaplicar, investir, articular-se a outras forças, ser mais enquanto querer ser mais: ampliação das forças entre forças: potência entre forças, intensidades e atividades, alianças e crescimento: nos fluxos de forças q são as máquinas contratuais e suas relações, “nada há de arbitrário”: os nomes q as forças, as alianças de forças, o crescimento das forças tomam nos fluíres apenas escondem a crua nudez das forças: amor, amizade, saudade, atração, companheirismo, trabalho, vida, vitalidade, carinho, paixão, corpo, desejo, vontade, são algumas das palavras-cobertores q escondem as forças, mas sempre sem atingi-las: as palavras se colocam no fluxo das forças e suas inconstantes relações.

*. a existência, sempre pra-nós, são fluxos potentes de forças: não há nenhum antes ou depois das redes vivas de forças em conexões ativas: todas as filosofias, religiões, ciências, saberes, políticas são apenas “delírios” das forças em suas expansões, alianças, domínios, contratos e camuflagens.

*. as forças em devires domados (máquinas contratuais) “contêm em si” os princípios, os fundamentos, as justificações, as metafísicas, os conhecimentos, as práticas, os rituais, sem precisar de nada “externo”: toda antecedência (passados), todas as posterioridades (futuros), toda origem e fim fazem parte das estratégias das forças em sua expansão no imediato: toda “natureza”, todo “cosmo” são apenas ou “matérias primas” (frutos imediatos das atividades da máquina tribal: o corpo: próteses do corpo: extensões vivas) ou representações da própria máquina tribal: as “circunstâncias exteriores” e “anteriores” não passam de forças dos próprios fluxos de forças, q em sua “tendência” em aumentar, crescer, se fortalecer, criam inumeráveis maneiras, por puro e cínico pudor, com pitadas de crueldade e auto-ilusão, formas de auto-satisfação, de se esconder, se expor sem se expor, de criar teorias, imagens, conceitos, crenças: vestimentas ficcionais, cosméticas q se seduzem porq criam um papai, uma mamãe, poderes externos q desinvestem as máquinas contratuais da sua crueza na máquina tribal: e a própria máquina tribal some, aparecendo a “sociedade”, a “história”, o “homem”, a “família”: as forças em fluíres de relações, em seus movimentos lentos (q criam a impressão do “ente”) ou vio-lentos (q criam a sensação de movimentos, de processos, de encadeamentos) mesmo sendo “o real”, o vivido, o imediato, não aparecem a não ser camufladas em rituais do “senso comum” ou “rituais dos letrados”, rituais dos saberes e poderes: não há forças sem essa “socialização”: pra máquina tribal as forças são sempre camufladas, mas isso não afeta as forças: isso faz parte das forças: é assim q elas fluem, se relacionam, se expandem, vigoram: intensidades, quantidades, qualidades, linguagens.

*. legião, multiplicidade, fluxos, devires, correntes: não há “uma única força”, nem força sem relações: são as relações, as alianças de forças q criam o “ser” e um saber-poder próprio a essas forças lentas e em alianças determinadas: esses saberes lentos servem pra proteger, administrar, ordenar, explicar enquanto ritual colaborativo, ou pra ativarem crises, revoltas, novidades, revoluções pra revigorarem as forças q,

de tão lentas, precisam ser reativadas, revividas por novas energias vitais: as forças lentas q criam o “ser” são forças produtivas reprodutivas, mas são entrópicas e tendem a tornar tudo “coisa”: o “humano”, o “animal”, o “corporal”, q fazem parte das forças, quando chegam no perigo do sufocamento (se tornam natureza) se reativam, se entrechocam, se retivam, explodem, se indispõem: não se expandir, não crescer, não infestar, não preponderar é, sempre, situação provisória das forças, posições estratégicas [de clauseviks, passando por hegel, por todos os militarismos, pelas teorias nazistas, pelas políticas estatais, pelos golberis verdeamarelos, vemos alegorias grotescas e perversas desse “momento”, ou constituição em movimento, da máquina tribal]: e se multiplicam as diferenças, outras intensidades, outros equilíbrios provisórios: guerra e paz, revoluções e normalidades, saúdes e doenças, mobilidades e imobilidades, estagnações e correntes, aberturas e fechaduras, sístoles e diástoles, democracias e ditaduras, politicidades e neutralidades são tão apenas momentos das forças em seus devires.

*. formas, individualidades, estruturas, sistemas são apenas momentos dos devires ritualizados das forças: raças, línguas, povos, estados, histórias, territórios, tempos, corpos: estabilizações rituais das forças [normalmente perversas, genocidas, torturantes]: estabilizações rituais das forças: sentimentos, afetos, paixões, valores, “relações humanas”: costumes, leis, tradições, ciências, religiões, filosofias: momentos precariamente estáveis dos fluxos de forças em suas multiplicidades, relações, alianças, disjunções: cidades, impérios, governos ...

*. os signos não se encontram nem tão entrelaçados *in natura* (não existe nada *in natura*: nem a *natura*): uma “essência” ou uma “verdade” q tão esperando pra serem descobertos: a “verdade” é sempre resultante provisória duma “correlação de forças” (ficção esquecida q é ficção, interpretação, perspectiva, momento), de guerras, de contrastes, duma metamorfose incessante enquanto conquista e imposição de sentido: luta pessoal, grupal, coletiva, luta de interpretações: insaciabilidade dum lócus: se houvesse “natureza”, “sociedade”, “homem”, seria praticamente impossível qualquer tipo de descristalização do horror, da possibilidade de qualquer tipo de resistência [até mesmo de “mudança de mercadorias”, de justificativas]: os discursos se formam sempre dentro e fora de determinados controles q é preciso apreender e surpreender em seu exercício, normalmente camuflado.

*. toda ontologia é encobrimento duma instável cratologia, duma avaliação móvel, loxográfica [loxografia é a perspectiva teórica q estuda o oblíquo, o equívoco, o inclinado, o torto, o indireto, o dissimulado, o esquivo, o ambíguo, as transversais, o q sai dos limites, língua enquanto resistência, enfrentamento], duma politicidade livre da política, duma historicidade tornada genealogia, duma filosofia tornada ação vital no imediato: estética da existência.

*. todo “ente” são devires plurais de forças em tensões de todo tipo: conflitos fazem parte constitutiva dos fluxos, assim como instabilidades, alianças, rituais, explorações, apaziguamentos, mas sempre lutas, desequilíbrios em busca do mais, da expansão, do domínio, do lócus maior [salada teórica q vai de maquiavel, espinosa, passando por clausewitz, hegel, marx, nietzsche, até deleuze, foucault]: toda permanência,

estabilidade, descanso, ser, são apenas momentos táticos, ideológicos, dos campos em guerra, tensões, potências, violências [viver em tal mundo é não conseguir resolver nada: a “prússia” infestou a máquina tribal com seu “espírito”].

*. viver é violência, forças, poderes, potências, negociações [a paz, a cordialidade, a convivência pacata e cordeira, a coexistência, são momentos necessários das forças: não são nem suas metas, nem seu “normal”, nem seu “desejo”]: ações, reações, contratos [a máquina tribal tornou-se essencialmente contratual, mas essa contratualidade não inclina a máquina tribal ao “bem comum”, mas apenas ao bem da máquina tribal, ao maior ganho de forças]: mudanças de posições, de perspectivas, de compreensão, de consciência, correspondem a mudanças de potência, pra mais ou pra menos: mais potência ou menos potência pode significar tanto mais clareza quanto mais obscuridade [os fascismos são mais potência, mas muito menos força, muito menos qualidade, muito menos vida: são torções perversas das forças, forças reativas q fazem parte constitutivas da máquina tribal]: todos são “desejos de ser mais”, mas isso não garante “mais qualidade”: ?q forças caem. ?q forças sobem. ?quais forças se mantém. ?quais forças se realinham a quais forças. normalmente o plus das forças, o mais potência é sempre reencaminhado aos rituais necessários da máquina tribal [os fascismos servem muito bem à máquina tribal: são mais fáceis]: a própria máquina tribal são mecanismos pra produzir suas forças, distribuir suas potências, administrar quedas, subidas, estabilizações de força, gerar as forças necessárias pra q novas forças jorrem: sem as guerras explícitas, as tensões, as crises, as “decadências”, as revoluções, as revoltas, as negatividades (estratégias constitutivas da máquina tribal com o conjunto vivo das forças) a máquina tribal morreria: ?por q ela não definha: ?por q não se mata duma vez ou simplesmente morre ou é assassinada: o definir nela mesma seria um profundo estímulo, uma série grave de tensões q explodiriam em jorros vivos de novas forças, novos alimentos, outras potências: e a máquina tribal, pra ela mesma, é eterna: advém duma “história milenar” e se reproduzirá ao infinito: a alegoria deus é um indicador perfeito da sua própria “auto-imagem”.

*. o deslocamento, o choque de formas cria tensões em relações instáveis: as redes inteiras se movem sem parar um segundo [tornou-se impossível agarrar qualquer coisa, ou agarrar por mais q um tempo “socialmente útil”: tudo líquido, tudo gasoso, pastoso demais pra verdadeira apreensão]: os fluxos são dominados por forças ritualizadas, já organizadas, temporalizadas, postas em redes de temporalizadores pra produzirem e porem em funcionamento entes, ritualizados pra se reproduzirem, pra imporem: das forças, os fluíres não são livres: somos nós, são o entrenós criando a nós mesmos enquanto cosmo, casa, loca, refúgio, abertura, interioridade e exterioridade dum mesmo ex-posto campo múltiplo, polimórfico e instável de forças q somos nós: as relações de poder mudam o tempo inteiro em seu próprio proveito e domínio: astúcias, compromissos, táticas, estratégias, alianças, quebra de contratos e contratos: nenhuma configuração das forças é “estável e segura”: cada-um-de-nós do entrenós é quem desencadeia já sendo desencadeado, as forças em tensão [sempre em luta com o desejo de “descanso,

paz e segurança”]: o centro das forças sem centro é o cada-um-de-nós: máquinas contratuais, sacos de energias pulsantes q são, ao mesmo tempo, um ente e a própria máquina tribal, não apenas quando se torna rebanho, massa, povo, cardume, pasta de carne.

*. cada máquina contratual, o cada-um-de-nós, desestabiliza constantemente as forças, as redes, as configurações, as concreções das forças e poderes, das posições, perspectivas e lugares, das alianças e contratos, dos feixes de forças: as assimetrias dos devires se dão pelos movimentos (desejos, apetites, imaginações, estímulos) das máquinas contratuais q fazem mais e novas forças, outros desequilíbrios, explodindo lugares, perspectivas, alianças, ou ao mesmo tempo, recriando instavelmente novas e as mesmas posições: momentaneamente nunca é geométrica, matemática ou lógica: nenhuma simetria na máquina tribal q se move pra todas as “direções” ao mesmo tempo: rede e redes em sístoles e diástoles, concêntricos e excêntricos: lugares, saberes, desejos, apetites em busca de paz, de imobilidade, de paraíso, de descanso, mas sempre explosivos, dinâmicos, em guerra sem fim por mais energia, mais poderes, mais forças, mais potência, mais lugares, saberes, desejos, apetites: devorar pra não ser devorado, criar rituais pra devorar em segurança, tradições pra não ser devorado ou devorar apenas nos rituais da tradição, escondendo a “carnificina generalizada”: a máquina tribal funda e cria suas máquinas contratuais prum lugar, pra funções específicas, pra certas partes das forças: qualquer desvio não “programado” pode ser perigoso, desestabilizador da máquina tribal [pra isso as psicologias, as análises, as filosofias, as leis, as prisões, as pedagogias, as escolas, os asilos]: a singularidade, a autonomia, a liberdade, a revolta, a resistência, todas dentro de padrões, fazem parte da máquina tribal como elementos necessários, produtivos e reprodutivos, integradores e protetores da máquina tribal.

niilismo

*. o niilismo não é reconhecer q não há nenhuma universalidade, nenhuma natureza, nenhum valor superior, nenhum “processo de desvalorização” do q seria superior: o niilismo é a forma, a força de existência da máquina tribal em todas as suas instâncias: não é queda, inferiorização ou banalização seja do mal, das mercadorias, do corpo, do desejo, das instituições: o niilismo não pode ser ultrapassado: ele é a “alma”, o “espírito”, a matéria viva e morta, a energia, o movimento, a expressão da máquina tribal [as produções do imediato, sem antes ou depois]: não é sua derrota ou declínio: deixando de ser niilista a máquina tribal deixaria de ser cristã, de ser feudal, de ser burguesa, de ser democrática, aristocrática, liberal, socialista, servil, escravista, mercantil, trabalhadora, consumista, isto é, em termos gerais, deixaria de ser a máquina tribal, e se tornaria uma máquina metafísica empalhada na vitrine dum deus.

*. o niilismo não é “doença moral”, decadência, mas o próprio ethos enquanto pathos: todas as normoses da máquina tribal são niilistas e não podem ser diferentes: seu funcionamento é aniquilador: é o instável, o sem fundamento, o sem razão, o sem finalidade (pensando, sentindo, crendo, lutando, dizendo o contrário) q gera a maioria das forças circularmente viciadas e tautológicas da máquina tribal: as energias advém de imaginários em plena atividade: imaginários sem “fundamento”, ou melhor, seu “fundamento” é a atividade, essa mesma q se esgota, se transforma, deságua em visibilidade, em corpo, em realidade num átimo pleno, denso, multidimensional num plano de quase nada: só pode ser vivido e pensado a posteriori, posfestum, nos imaginários das linguagens.

*. niilismo como “vontade de nada” é um dos motores constitutivos da máquina tribal: das forças descomuns das crenças gerais, postas em andamento por essa vontade, vontade também criada pelas crenças gerais, se formatam todas as coisas: é a ação de recorte do caos e manutenção da efetividade: desse nada tudo [esse nada é tudo, menos nada: todas as potências advém desse nada q é tudo, a única e fugaz existência], porq esse nada é a própria vontade maquínica enquanto imaginários, redes de crenças em movimento e vibração, forças e buscas pelo “ente”, isto é, pelo nada [q é o “ser” da máquina]: na busca insana pelo “ente” tudo é criado: o “mundo” é criado por essa força sem fundamento, por essas redes divinizadas (trabalho, deus, família, individualidade, sexo, prazer, mercadorias, fome, riqueza, alegria, felicidade, moral, sentimentos, corpo) q geram e são geradas por uma hipostasia polidimensional circular [acon-tecendo, se des-tecendo, se des-acontecendo no já-foi q sempre nos parece ser por ser linguagem]: sem esse círculo vicioso nada seria criado na máquina tribal: ao crer, ao crer q sua crença é poder, é real, é força, é obrigação, é necessária, é ordem, é normose, mesmo sendo sempre nada, sendo perverso e vazio embuste, tudo se move gerando o agora existente.

*. toda a “história da física” não passa dum capítulo da metafísica, isto é, capítulo a mais na maneira do ente, de sempre mudar o mesmo pra manter o mesmo próprio da máquina tribal: o niilismo aparece até mesmo onde não é evidente, como na física, nas ciências: sem seus sistemas de crenças integradas a outros sistemas de crenças, a ciência não existiria: enquanto imaginário e técnicas de produção a ciência faz parte constitutiva da “última apresentação” do niilismo, parte da metafísica, parte da necessária normose q produz, reproduz, cria, repete, movimenta, formata a efetividade.

*. niilismo não é “viver para o nada e negar a vida”: são precisamente as formas de viver a vida q caracterizam o niilismo: negar ou afirmar a vida fazem parte do mesmo movimento, da mesma normose da máquina tribal: tanto um quanto o outro não existem separados e são exigências inextirpáveis: o niilista não é o “o negador de valores, o ateu, o ressentido”, mas o sujeito, o cidadão, o homem normal, o comum, o silvestre cristão das múltiplas manadas q são a máquina tribal: não é “desperdício da força” ou “vontade de poder” reativa e fraca, mas “exercício coletivo” das forças fundadas apenas em si mesmas, mas crendo em suportes imaginários perversos e inescapáveis como se fossem

mais q “entes de razão”, imaginação: “afirmar a vida” ou “negar a vida” pra máquina tribal sempre estiveram unidos, articulados, inseparáveis, necessários ao mesmo jorro vital de produção, reprodução e manutenção da efetividade: niilismo porq nada por baixo, nada adiante, nada enquanto sistema de crenças, imaginário, e tanta força criadora negativa, isto é, é o nada q gera as forças e as forças o nada: o lixo é o real.

*. a máquina tribal criou e criará uma infinidade de formas de vida, de natureza, de histórias, de corpos, de desejos, de justificativas, de homens, mas são partes do seu mesmo, do seu “espírito”, sua “metafísica”, do seu niilismo enquanto aquela vontade de nada [porq tudo q acredita ser real, objetivo, existente, verdade, valor, necessidade é apenas imaginário pra produzir, reproduzir, manter, jorrar: a força, as forças e poderes q criam e reiteram o existente] q gera o “nosso mundo”: negativo e positivo, decadência e ascensão, vida e morte, deus e o diabo, macho e fêmea, força e fraqueza [ad infinitum: ad nauseam: por repetição, a máquina tribal é uma espécie de descomunal “falácia lógica” gerando forças sem medida] fazem parte do mesmo feixe geral de forças imaginárias q é a máquina tribal: todo caminho, toda modificação segue seus trilhos: as “revoluções” e as “reações” fazem parte determinadas do mesmo.

*. a máquina tribal não pode superar, ultrapassar, resolver, o horror, o niilismo, horror e niilismo q ela “é”, o furor de aniquilamento, de produção, de desgaste, de consumo, de destruição, de silenciamento, de comunicação, de trabalho e infestação é sua normose virótica, tendo invadido de tal maneira os “extraterrestres” [a terra, o planeta, o globo, a galáxia, o universo são visões da tribo, jamais universais ou em-si q se sustentem sem a máquina tribal] q consegue manter uma “humanidade” como forma conflituosa de “unidade” [q um dia compreenderá q deve se unir a máquina tribal integralmente e, de corpo, alma e desejo, marcharem juntos, unidos, colados, realizando a história, o espírito, a política, a economia, a religião, a moral, o bem-estar geral, a vontade de deus e do capital] a partir de si mesma, como réplica, repetição do mesmo: e enquanto “réplicas mestiças” existem e sobrevivem os “extraterrestres” extasiados num labirinto estranho, sem saída e sem a mesma entrada: o horror não gera nem aceita o outro, a alteridade radical, intransigente, autônoma, contumaz, obstinada, severa, q não negocia: a máquina tribal enquanto não infesta, adoece, devora, engole, tritura, regurgita e devora, apodrece, amansa, domestica, escraviza, incorpora, remonta, não descansa, não cessa, não deixa, não larga, não desmorde.

*. o “vazio de sentido” existe de toda maneira em todo sentido porq nada sustenta ou justifica ele: tudo é “imposição de sentido”, normose e poderes, imaginário querendo se impor como universal e natural: faz parte da máquina tribal em seu momento capitalista: toda solidez, também imaginária, se dissolveu no ar.

*. niilismo não é declínio, decadência, esgotamento, desagregação, degeneração: esses conceitos e seus correlatos são complementos dos seus contrários num imaginário sistêmico: niilismo é o conjunto inteiro em andamento, com seus começos e fins, destruições e criações,

cristalizações e movimentos, filosofias, ciências, críticas, políticas: jogar o niilismo pra ser a decadência é deixar de ver o horror enquanto máquina tribal.

*. a "vontade de nada" (poder criador) enquanto sistema de crenças, imaginário, toma todas as formas desejáveis e indesejáveis da máquina tribal: o horror é o motor, e esse motor se move "por nada", "pra nada": daí jorra e some o tudo no imediato.

*. qualquer utopia da máquina tribal [linearmente, como querem os idiotas do tempo, do reino de deus, passando pelo reino da razão e pelo reino dos trabalhadores até o atual reino do "consumo": da "idade média" à "idade mídia"] é projeção perversa da própria máquina tribal.

*. não a "desvalorização dos valores morais", da "metafísica", da "religião" ou da tradição, mas disso mesmo em suas formas e movimentos: não o declínio da "disciplina do espírito", do "rigor da reflexão", mas é exatamente o exercício desse rigor, dessa disciplina, desse espírito: não é o "caos", a "explosão dos instintos", o "consumismo", o "desbragamento do prazer", pois isso é normose, é querido, faz parte: como fazem parte todos os genocídios da máquina tribal, todas as torturas, todos os crimes, todas as humilhações, todas as dores, todos os silenciamentos, todos os rituais pra descansar as manadas pro trabalho, todas as formas de trabalho, todos os trabalhos das formas.

*. surgimento: aquilo q se cria "depois": a máquina tribal é o q vai se formando de redes complexas da "grécia" e do "helenismo"; do "império romano" e dele "dissolvido"; de traços da "religião hebraica"; dos "povos bárbaros": e dessas "matrizes", "fontes", "forças" e suas fusões, confusões, integrações, interferências, a máquina tribal se configura pela "primeira vez" com aquilo q se denomina "feudalidade", como sua "primeira forma histórica" (o histórico q só será criado em seu momento industrial), tendo os "cristianismos" como uma das pontes em comum, como horizonte e poder com variantes lingüísticas, econômicas, políticas, mercantis: seu "segundo momento" é o aparecimento, inda na "feudalidade" (lembrar q a máquina tribal é essencialmente "européia"), da complexificação do capital e do mundo q vai sendo gerado por ele: "feudalidade" e "capitalismo": a máquina tribal, ao "abrir os olhos", entende sua existência como "eterna", vinda e sendo o próprio deus, e não vê fim, a não ser aquele q realiza plenamente ela mesma: a história tornou-se sua forma preferida de eternidade.

*. sem valores eternos, sem fundamentos metafísicos (quando até a física não passa duma metafísica de segunda categoria), sem uma natureza, sem um deus ou deuses, sem um homem [ad infinitum, novamente] não há decadência, simplesmente porq não houve um "tempo forte", mais nobre, mais potente q isso q vivemos: o horror é sempre o mesmo, o q muda são suas aparições, a forma das suas manifestações, os discursos de explicação e apoio: o horror, a máquina tribal e seus pilares sempre em rotação, continuam os mesmos, mas como é um mesmo em mutação-do-mesmo, temos a sensação de "revolução", "modificação", "superação".

*. a moral, a ética, deus, religião não são nem nunca foram [o sempre da máquina tribal não ultrapassa, tempo criado pela própria máquina tribal, no máximo, 1400 anos] nada mais do q niilismo institucionalizado, cristalizados, normoses postas como fundamento prum exercício do

horror com muito mais estabilidade, o q não foi preciso mais completamente quando o capital podia ser produzido sem essas “exterioridades” e “interioridades” ridículas e inúteis, bastava as manadas crerem q era “necessário” produzir, reproduzir, consumir, preservar por si mesmos: bastou um deslocamento imaginário do supra-sensível, do etéreo, dos imperativos metafísicos tradicionais, dos poderes de deus, da natureza, do espírito, pro estômago, pra carne, pro desejo, pro sexo, pras coisas [da “alma” pra “pura mercadoria”: duas manifestações da mesma “coisa”]: nenhuma negatividade destruidora e tradicionalmente niilista, mas apenas o niilismo reordenando o horror, q aparece agora travestido em outras carnes: o niilismo é uma das brechas na “grande rocha” de onde podemos, mesmo transversalmente fazendo parte, entrever a máquina tribal de costas devorando algum idiota.

*. como jamais houve um “mundo verdadeiro” em oposição a um “mundo aparente”, um noumeno e um fenoumeno, um “tempo linear”, uma “história”, não pode haver “decadência”, o niilismo no seu sentido tradicional, mas sim niilismo constitutivo, caracterizador, explicativo, esclarecedor.

*. pra existir, pra continuar existindo, trabalhando, comendo, parindo, se relacionando, “precisamos crer em algo”, o q não quer dizer q esse algo seja verdadeiro, real, mas sim q creia eu q é real, verdadeiro, natural, moral, necessário: a força descomunal das ficções como criadoras, reprodutoras e guardiãs do existente [nada sob o existente, nada é tutano do existente, nada como fim do existente] devem ser avaliadas mais profundamente: o nada criador, niilista, forças circulares, é a essência viva da máquina tribal: o horror são essas forças se impondo como existência, imperativo, matéria, corpo, desejo, sonho, idéias como se não fossem reais autônomos, não fossem forças circulares, advindas das máquinas contratuais.

*. niilismo não é “perder o sentido”, mas impor o nada como se fossem um tudo objetivo, natural, universal, humano. o niilismo não é “contra a vida”: a vida da máquina tribal só pode ser niilista. o sentido é a construção moral, religiosa, política, econômica, filosófica da máquina tribal e as justificativas pra afastar a “consciência” do fundamento vazio, ficcional, mentiroso, falso dolorosamente, cansativamente, ansiosamente fútil, mas infinitamente poderoso, articulador de todas as potências, focalizador de todas as energias, alimentando, vestindo, habitando, movendo, produzindo, entretendo, ritualizando, pensando a máquina tribal duma maneira virótica, violentamente infestando tudo q não é ela e nela mesma absorvendo tudo q não seja ela: o poder niilista da máquina tribal é tão grande q agora, talvez, só exista concretamente ela [a vitória do sociodemonazifascismocristão].

*. os sistemas de crenças q em seus movimentos geram o real precisam da não-verdade, do ilusório, do entorpecimento, do ritual: e esse real é feito dessa matéria, não das estrelas, mas das mais tolas e ridículas razões, opiniões, noções, saberes: nadas, q não é o não-ser, mas as forças do existir.

*. a máquina tribal, cristã em seu tutano (com razões, origens, metas e fim) e capitalista em sua carne (com fim, metas, origens e razões) ao perder a força básica do primeiro (a grande origem, as grandes metas, as grandes razões, o grande fim) e ficar com o terra a terra do segundo (a pequena origem, as pequenas metas, as pequenas razões, o pequeno fim) entra em crise e chama isso de niilismo, o q é falsear a questão, se eximir, covardemente deixar de ver a unidade, inda existente e necessária, dos “dois eixos” em consonância e movimento: a “angústia moderna” faz parte do sofrimento desocupado e caricato do primeiro, mais a grotesca e lacunar forma de vida do segundo: duas espécies niilistas: a única maneira de ser da máquina tribal: todas as terceiras, quartas e quintas saídas são apenas composições dessas origens, metas, razões e fins: da manada pra manada: produções-reproduções é o q parece ser esse “organismo”, essa “esponja perversa”, é como q parece se bastar esse corpúsculo patético: e tudo isso faz muito sentido (nada de niilista como um sem-sentido): origens, metas, razões, justificativas, saberes, classificações, fins tão todos dependentes dos fluxos do imediato, q é desdobramento do mesmo enquanto tempo: e “mecanismos” específicos, de crenças, saberes e práticas, reverte ou reinveste toda “revolução”, “mutação”, “mudança”, “alteridade”, “negatividade radical” em ser apenas mais uma forma do mesmo: todo o investido na “mutação” tem q advir do tempo e da energia do imediato, q não nasce do nada, isto é, toda mudança e alteridade na tribo jorra das energias, dos poderes, das forças, dos nódulos discursivos da própria máquina tribal e nelas e com elas a máquina tribal se renova sem se renovar, se energiza, ganha sempre novas e mesmas origens, razões, metas e fins.

bibliografia

- Adorno, Theodor. **Minima Moralia**. Edições 70, Lisboa, 2001.
- Andrade, Daniel Pereira. **Nietzsche e a Experiência de Si como Transgressão**. Annablume, São Paulo, 2007.
- Deleuze, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rés, Porto, 2001.
- Foucault, Michel. **Microfísica do Poder**. Graal, Rio de Janeiro, 1985.
- _____. **A Arqueologia do Saber**. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1997.
- _____. **A Ordem do Discurso**. Loyola, São Paulo, 1999.
- Klossowski, Pierre. **Nietzsche e o Círculo Vicioso**. Pazulin, Rio de Janeiro, 2000.
- Kossovitch, Leon. **Signos e Poderes em Nietzsche**. Azougue, Rio de Janeiro, 2004.
- Martins, André. **O mais Potente dos Afetos: Spinosa e Nietzsche**. WMF/Matins Fontes, São Paulo, 2009.
- Mosé, Viviane. **Nietzsche e a Grande Política da Linguagem**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005.
- Moura, Carlos A. R. de. **Nietzsche: Civilização e Cultura**. Martins Fontes, São Paulo, 2005.
- Nietzsche, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. Companhia das Letras, São Paulo 1992.
- _____. **O Nascimento da Tragédia**. Companhia das Letras, São Paulo, 1992.
- _____. **Ecce Homo**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.
- _____. **A Gaia Ciência**. Companhia das Letras, São Paulo 2001.
- _____. **Aurora**. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.

- _____. **Genealogia da Moral**. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.
- _____. **Humano, Demasiado Humano**. Companhia das Letras, São Paulo, 2000.
- _____. **O Crepúsculo dos Ídolos**. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 2000.
- _____. **Fragmentos do Espólio**. Kothe, Flávio R. (Org.), UnB, Brasília, 2004.
- _____. **Fragmentos Finais**. Kothe, Flávio R. (Org.), UnB, Brasília, 2007.
- _____. **Assim Falava Zaratustra**. Vozes, Petrópolis, 2007.
- _____. **O Anti-Cristo**. Companhia das Letras, São Paulo, 2007.
- _____. **A Vontade de Poder**. Contraponto, Rio de Janeiro, 2008.
- Onate, Alberto Marcos. **O Crepúsculo do Sujeito em Nietzsche**. Discurso Editorial, São Paulo, 2000.
- Rocha, Sílvia Pimenta Velloso. **Os Abismos da Suspeita**. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2003.